



Guerreiros nagô: brincar e refletir o antirracismo na educação básica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO
SUBÁREA: SA-2. Educação Musical

Beatriz de Souza Bessa
UNIRIO
besssa@gmail.com

Resumo. O presente trabalho aborda a importância da presença das culturas de origem africana na escola brasileira trazendo uma proposta de aula vivenciada em turma do Ensino Fundamental I. O objetivo é compartilhar uma atividade realizada como professora de música na rede privada de ensino do Rio de Janeiro, tendo em vista a lei nº 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Étnica Racial de 2004. Jogos e brincadeiras como Guerreiros Nagô não apenas desenvolvem habilidades musicais mas também provocam vínculos sociais, além de trazer para o ambiente da sala de aula a discussão e a fruição da musicalidade afrodiaspórica, contribuindo para uma educação antirracista e decolonial. Como referencial teórico trago as ideias dos africanos Meki Nzewi e Kabengele Munanga e dos brasileiros Leonardo Batista e Luan Sodré.

Palavras-chave. Educação Musical, Educação Antirracista, Guerreiros Nagô, Amarelinha Africana, Pedagogia Musical.

Afro-Brazilian culture at school: proposed activities

Abstract. The present work addresses the importance of the presence of cultures of African origin in Brazilian schools, bringing a proposal for a experienced in Elementary School I class. The objective is to share an activity carried out as a music teacher in the private school system of Rio de Janeiro, in view of law nº 10.639/03 and the National Curricular Guidelines for Racial Ethnic Education of 2004. Games as Guerreiros Nagô and Amarelinha Africana not only develop musical skills but also provoke social bonds, in addition to bringing to the classroom environment the discussion and fruition of Afro-diasporic musicality, contributing to an anti-racist and decolonial education. As a theoretical reference I bring the ideas of the africans Meki Nzewi and Kabengele Munanga and the brazilians Leonardo Batista and Luan Sodré.

Keywords. Music Education, Anti-racist Education, Nagô Warriors, African Hopscotch, Musical Pedagogy.

Introdução

O presente trabalho apresenta uma proposta de atividade que foi realizada durante o meu ofício como professora de música. A atividade Guerreiros Nagô traz para a sala de aula da rede obrigatória de ensino a reflexão, a musicalidade e o senso de coletividade das culturas africanas. Sendo o Brasil um país com acentuada presença de pessoas afrodescendentes e com uma riqueza musical absolutamente vinculada às rítmicas de diversos lugares da África faz-se urgente que atividades que aproximem os alunos da cultura afro-brasileira sejam promovidos na escola - a base da educação.



Metodologia

Sou professora de música em duas escolas privadas na cidade do Rio de Janeiro e essa experiência de aula aqui relatada foi realizada em uma escola localizada na favela do Vidigal no ano de 2022 em uma turma do 3 ano do Ensino Fundamental I. A turma tem 29 alunos e as aulas aconteciam no turno da tarde, com duração de 50 minutos cada tempo de aula. Os alunos tem entre 8 a 10 anos de idade.

Relevância

A partir de leituras sobre as políticas educacionais na sociedade brasileira, constata-se que esse setor foi historicamente pautado por uma educação formal de embranquecimento cultural (NASCIMENTO, 1978; MUNANGA, 1996). Após a abolição da escravatura, a nós pretos foi negada a educação como educandos e como educadores, não sendo nossa cultura nem a memória relevantes para o sistema educacional brasileiro. Gonzalez (1988) aponta que graças às obras de alguns poucos autores, africanos e americanos – africanos e seus descendentes residentes nas Américas por conta da escravidão – é que sabemos “quanto a violência do racismo e de suas práticas despojaram-nos do nosso legado histórico, da nossa dignidade, da nossa história, e da nossa contribuição para a humanidade nos níveis filosóficos, científicos, artísticos e religioso” (GONZALEZ, 1988, p. 77).

Ao longo do século XX pretas e pretos brasileiros vem reivindicando, junto ao Estado, a implementação de políticas públicas educacionais de acesso à educação e de conteúdo da cultura afro nos currículos: o Congresso do Negro Brasileiro (1950), as políticas de cotas (2012), as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2003) foram algumas das vitórias dessa população marginalizada, grupo do qual eu faço parte.

Nilma Gomes não nos deixa esquecer que “os avanços que se tem vivenciado no campo da política educacional e na construção da igualdade e da equidade mantêm relação direta com as lutas políticas da população negra em prol da educação ao longo dos séculos” (GOMES, 2011, p. 120). No caso da educação musical. Souza (2020) aponta:

A ideia de educação musical afrodiáspórica nasce do exercício de refletir sobre uma concepção de educação musical que considere, que dialogue, que se inspire nas existências afrodiáspóricas. (...) Afro, pois reivindica a inclusão, a subsunção de referências de matriz africana que foram historicamente invisibilizadas nos processos de ensino de música em

Guerreiros com Guerreiros

Fazem Zigue Zigue Zá”

Segundo Castro (2005) os termos “injó” ou “unzó” em banto significa “da casa”. Seriam, portanto, escravizados domésticos. Caxangá, por sua vez, provavelmente vem de kalaha, o mais antigo dos mancalas. Mancala é jogo de tabuleiro em que se usa sementes, muito popular em Angola. Segundo Muniz Sodré (2017), no Brasil, o termo nagô está relacionado à comunidade etno-linguística que falava a língua iorubá

Além disso, autores diversos (Marcelino, 2019; Alves & Braga, 2018) apontam que o jogo era realizado em pé numa grande dança em roda. Zabelê era um nome próprio, no lugar de Zabelê era dito o nome de qualquer um que estivesse na roda. Estudiosos contam que quem ouvia seu nome deveria fugir no momento em que era cantado "zigue zigue zá", pois todos trocavam de lugar em uma grande correria e o fugitivo não era percebido. Ao perceber a estratégia dos escravizados, as regras foram modificadas. O jogo passou a ser como é conhecido hoje em dia: com todos sentados passando sementes um para os outros, cena que pode parecer a representação do processo de um trabalho.

Durante a aula, contei às crianças sobre o termo “escravo” e prontamente elas concordaram em cantar e brincar da forma antirracista, mesmo que de vez em quando alguém cantasse a música da forma antiga. O importante foi que todos realizaram essa reflexão e debateram sobre o tema, além de se divertirem.

Sobre a autoria da nova letra não se tem registro, mas está sendo amplamente usada por educadores que promovem uma educação antirracista. Eu aprendi a brincar dessa forma a partir de buscas no Youtube¹, e logo me identifiquei.

Primeiramente, eu e a turma do 3 ano experimentamos o jogo utilizando o próprio corpo, em pé, tal qual a forma original. Em seguida, realizamos o jogo com todos sentados passando um elemento da natureza que tínhamos coletado nos espaços abertos da escola: alguns pegaram sementes, outros folhas, outros pedras. Essa ida junto à natureza para utilizar como material didático em uma atividade musical foi muito apreciada pelas crianças. Em todas as vezes que jogamos marquei a pulsação do jogo usando um tambor, para orientar a turma.

Em relação à avaliação da aula, observei se: o estudante evoluiu a sua capacidade de acompanhar a pulsação durante o jogo, se o estudante atribuiu significado à substituição da

¹ Aqui alguns dos links onde pode-se ver a brincadeira: https://www.youtube.com/watch?v=L7ZCRsKOO_0; <https://www.youtube.com/watch?v=AQnmVbbreKo>; <https://photos.app.goo.gl/5Kv4eaz3t1sxwgQF8>; <https://photos.app.goo.gl/5Kv4eaz3t1sxwgQF8>

letra da música. Também observei se, caso o estudante tenha realizado a atividade não na pulsação, mas no contratempo, se ele conseguiu sincronia com o colega.

Como desdobramento da aula, as próprias crianças propuseram variações do jogo na forma corporal: começando pela direita, depois pela esquerda. Cantando a música apenas mentalmente. Pulando com um pé só, ou como um sapo, um coelho. Acelerando ou desacelerando o andamento, entre outras modificações.

Na hora do "deixa Zabele ficar", por exemplo, propus que fosse um momento de improviso, onde todos, parados no mesmo lugar, fizessem o movimento que quisessem, como bater palma, rebolar ou levantar os braços.

Conforme o nigeriano Nzewi (2020), essas atividades devem ser chamadas de “artes musicais” e não apenas de “música”. As artes musicais socializam o ser humano para a vida comunitária quando vivenciadas dessa forma, em conjunto. A música, para o autor, designa o largo domínio da expressão sonora, que abriga desde os gestos e a palavra falada até a dança-ritual, ensejando uma experiência comunal e inclusiva. Assim, a música, na cultura africana como um todo, interliga-se a outras expressões artísticas. Todavia, a educação colonizadora as isolou em disciplinas isoladas, desenvolvendo metodologias em que cada uma delas é administrada e avaliada separadamente no currículo escolar, obscurecendo a concepção holística da ação musical. Pensando na nossa realidade brasileira, Batista (2018, p. 129) afirma que uma pedagogia musical decolonial deve oportunizar:

- a) uma multiplicidade de conhecimentos de músicas e suas formas de fazer, para além do conhecimento que é praticado, a partir do cânone europeu;
- b) processos criativos que confirmem outras formas de escuta de sonoridades que fujam do esquema pitagórico que regimenta a nossas práticas em modelos ocidentalizados;
- c) vivenciar práticas musicais que envolvam conhecimentos de transmissão oral, tradicional e cultural;
- d) produções musicais da contemporaneidade configuradas por fenômenos plurais da cultura brasileira e latino-americana, em especial;
- e) uma educação musical que tenha seu objetivo centrado no humano, entendendo-o e reconhecendo-o com existente e praticante de si no Mundo.

Conclusão

Infelizmente, em muitos dos livros didáticos brasileiros, pessoas de cor de pele preta se fazem presente quando o tema em questão se relaciona com a época da escravidão. Além disso, há um processo de invisibilização das contribuições das línguas africanas no idioma português falado no Brasil. No caso da cantiga “Escravos de Jó”, procura-se aqui utilizar uma estratégia

da ressignificação da letra da música no sentido de promover uma mudança na forma como a negritude é apresentada às crianças, usando em substituição a frase Guerreiros Nagô.

Além disso, a sala de aula de música de uma instituição da rede básica de ensino precisa ser um ambiente de livre expressão, mediada por um educador sensível que considere o entusiasmo e a alegria tão importantes quanto à afinação e a técnica, mas que também esteja preparado para oferecer aos alunos novos conhecimentos. A integração e o compartilhamento dos fazeres musicais é parte fundamental do processo educativo artístico. Uma integração que tenha reflexão no pensar, corpo em movimento, coletividade no fazer.

Além de Guerreiros Nagô, costume também cantar e refletir a partir de canções da MPB com letras antirracistas, desenvolver a pulsação praticando o maculelê com garrafas PET, jogar a amarelinha africana, realizar os movimentos corporais da capoeira, criar paródias com a batida do funk, estimular a criação de notação musical oral e corporal, compartilhar cantos e lendas do Congo para sonorizar histórias coletivamente, entre outras atividades. Com isso, procuro realizar uma aula de música em que a diversidade de linguagens artísticas estejam ocorrendo simultaneamente - o canto, os instrumentos, a dança - trazendo para a sala de aula a vivência da performance numa perspectiva decolonial, compromissada com a reflexão de uma educação antirracista com todos e para todos.

Referências

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. *ORFEU*, v. 3, n. 2, p. 112 de 135, 2018. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018111/9592>. Acesso em: 2 maio 2021.

BRAGA, L. F.; ALVES, T. de A. Na gira dos orixás: Histórias e gingas a encantar como processos de criação nas Artes Cênicas. *Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, [S. l.], v. 5, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/43161> Acesso em: 27 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica [...]. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2003. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 18 fev. 2021.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks. Editora, 2005.



GOMES, Nilma. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. Porto Alegre, v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr, 2011

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, jan./jun., 1988.

MARCELINO, Bruno Cesar Alves. Guerreiros Nagô jogavam caxangá: a educação física assumindo e transpondo a multiculturalidade brasileira. In *Dossiê Cultura em Foco: Identidade Cultural na diáspora Afro-latino-americana e caribenha*. Editora CLAEC, 2019. p 46- 56.

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Trecho de entrevista publicada online. Nova legislação e política de cotas desencadeariam ascensão econômica e inclusão dos negros, diz professor. *Pambazuka*, 1º de março de 2010. Disponível em: <https://www.pambazuka.org/pt/security-icts/nova-legisla%C3%A7%C3%A3o-e-pol%C3%A9tica-de-cotas-desencadeariam-ascens%C3%A3o-econ%C3%B4mica-e-inclus%C3%A3o-dos>. Acesso em: 23 mar. 2022.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NZEWI, Meki. Por uma musicologia “verdadeiramente” africana brasileira: entrevista com Meki Nzewi. GRAEFF, Nina; FREIRE, Kamai. [Entrevista cedida a] Nina Graeff e Kamai Freire. In: GRAEFF, Nina; SANTOS, Eurides de Souza (Orgs.). *Revista Claves, Dossiê Matizes Africanos na Música Brasileira*, v. 9, n. 14, p. 116-135, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/claves>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SODRÉ, Muniz . *Pensar Nagô*. Vozes, 2017.

SOUZA, Luan Sodrê de. Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. *Revista da Abem*, v. 28, p. 249-266, 2020.

